

ALAIN MABANCKOU

RESUMO

Conferência: *O soluço do homem negro*

Por Luciana Thomé

Responsabilidade pelo próprio destino

Um livro que é direcionado aos negros do continente africano e que fala sobre as suas condições: o existencialismo negro. A partir do seu romance *O soluço do homem negro*, Alain Mabanckou falou sobre sociedade, racismo, imposições e responsabilidade moral em sua conferência transmitida pela plataforma digital da temporada 2020 do **Fronteiras do Pensamento**.

O existencialismo, corrente filosófica e literária popularizada por Jean-Paul Sartre, define o ser humano por suas ações, longe das doutrinas, ideologias e da moral que a sociedade poderia lhe impor. É uma maneira livre de pensar, de ver o mundo, pois o ser humano se torna senhor de seus atos e toma consciência de que constitui uma singularidade. E esta foi a inspiração para o livro ficcional de Mabanckou, publicado em 2012 e que será lançado no Brasil. “Quando foi publicado, *O soluço do homem negro* foi interpretado em todos os sentidos, e meu discurso foi na maioria das vezes distorcido, deturpado, citado fora de contexto, eu diria até enegrecido ou embranquecido de acordo com os interesses que estavam em jogo.”

Segundo ele, o romance conta a trajetória de um indivíduo que nasceu na África negra, que se tornou franco-congolês depois de mais de 17 anos morando na França e que hoje vive e trabalha nos Estados Unidos. “*O soluço do homem negro* é, portanto, acima de tudo, um livro pessoal, muito pessoal, baseado na minha migração e na minha experiência por três continentes. O livro não tem a ambição de resolver todos os problemas de todos os negros, muito menos tratar apenas do confronto do negro e do branco.”

A expressão “soluço do homem negro” se refere à tendência dos africanos em explicar os problemas do continente apenas pela perspectiva do contato com a Europa, alimentando o ódio de forma constante. “Não se trata absolutamente de negar a responsabilidade da Europa – e isso seria suicida da minha parte –, mas de lembrar que a autocrítica também pode ter o seu lugar no debate e ilustrar o quanto nós, africanos, também podemos ser de perto ou de longe os atores da nossa própria perdição, do nosso próprio fracasso, se nos obstinamos em perceber o Outro apenas como o único e exclusivo

Apresentação

Braskem

Patrocínio

 **Santander****HOSPITAL
SÍRIO-LIBANÊS****MATTOS FILHO >**
Mattos Filho, Veiga Filho,
Marrey Jr e Quiroga Advogados **GERDAU**
O futuro se molda

Empresas Parceiras

IGUATEMI **Latitudes**
VIAGENS DE CONHECIMENTO

Apoio Educacional

 **Colégio
Bandeirantes**

Promoção

FOLHA
REVISTA

Parceria de Mídia

revista **PIAUI**rádio **CBN****Quatro cinco um**
contando do Brasil

Livraria Oficial

 **LIVRARIA
DA VILA**

bode expiatório, a razão de nossas desgraças e a justificativa para o nosso imobilismo nos atos do presente.”

Por este motivo o existencialismo negro é tão essencial, segundo Mabanckou. “Esse existencialismo negro consiste em se definir de acordo com as ações que praticamos, longe das definições em que fomos isolados ou das atitudes que os outros esperam de nós. Em vez de integrar também as desigualdades e as injustiças que sofrem no presente (ditadura, fome, má gestão, tribalismo etc.), muitos africanos se perdem incansavelmente nos meandros de um passado delimitado pela perspectiva da lenda, do mito e especialmente da ‘nostalgia’, como se sua existência estivesse necessariamente ligada à inversão de papéis no curso da história. Caímos na armadilha que o martiniquense Frantz Fanon criticava, dizendo que ‘o negro quer ser como o branco. Para o negro, só existe um destino. E ele é branco’.”

O escritor explicou que o existencialismo negro luta contra essa constatação. E afirma que o poder econômico não dá necessariamente sabedoria. “O que um povo sofre no dia a dia é, na verdade, tão importante quanto o que sofreu no passado. Mas o presente que vivemos juntos – com mais ou menos sucesso – será o passado amanhã, e temos a responsabilidade de fazer com que nossos descendentes não sofram com nossa falta de habilidade, nossos erros ou nossas posições egoístas e estratégicas.”

Para Mabanckou, não é exagero afirmar que foi o branco quem inventou o negro, e que, portanto, o negro foi obrigado a definir o branco com o vocabulário deste último, muitas vezes de forma caricatural. “Na mente de muitos, os negros da França representam um bloco, uma entidade coesa capaz de expressar demandas coletivas e influenciar a política francesa. É apenas uma ilusão: a composição heterogênea dessa população negra sempre me levou a refutar a existência de uma ‘comunidade’. O que existe em comum, além da cor da pele, entre um negro em situação regular, que estuda em uma universidade de elite, um imigrante sem documentos da África Ocidental, um refugiado haitiano ou um antilhano de cor originário de um departamento integrado no território francês?”

Muitos negros na França são, nas palavras do escritor, “cidadãos da alternativa”. “Hoje é quase uma heresia dizer que não somos mais de lá, mas definitivamente daqui. Continuamos sendo, aos olhos de muitos, “franceses por interesse”, e, neste caso, aqueles que desejam ser admitidos em um território mantendo ciosamente em seu inconsciente – e até mesmo em sua consciência – um território de substituição, um território mítico que, na realidade, não os espera.”

Apresentação



Patrocínio



Empresas Parceiras



Livraria Oficial



A história dos escravos saídos da África também entra neste contexto. “Seria incorreto dizer que o branco capturou o negro sozinho e o escravizou. A parcela de responsabilidade dos negros no comércio de escravos permanece, portanto, um tabu entre os africanos, que geralmente se recusam a se olhar no espelho. Quem lembra essa verdade é imediatamente acusado de traição, acusado de jogar o jogo do Ocidente, colocando uma pedra no edifício da negação dessa tragédia que continua manchando as nossas relações até hoje. O silêncio sobre a participação africana é a atitude mais bem compartilhada.”

Mabanckou ressaltou que também não se trata de reabilitar o Ocidente e dizer que todos os africanos eram traficantes de escravos. “Mas, quando retraçamos a história, é útil não negligenciar nenhum fato. Se levantei a questão da responsabilidade dos africanos nesse livro, foi porque tive uma das discussões mais perigosas da minha vida com um negro americano. E foi esse afro-americano que me inspirou em minha abordagem.”

A colonização e a escravidão, portanto, não foram “invenções” alheias à África, que teriam aparecido no continente junto com o “cara-pálida”. “Finalmente, em *O soluço do homem negro*, outras questões são abordadas: imigração, identidade, língua francesa, intolerância etc. Minha abordagem é, ao longo desta análise, buscar o que poderia redefinir nossas relações, nosso humanismo; o que poderia nos aproximar e fundar o viver junto, a convivência, seja qual for a nossa cor. Aceitarmos-nos como somos e lutarmos contra as ideias falaciosas que podem nos afastar uns dos outros. O mundo de amanhã é um mundo de intercâmbios, de cortesia, de soma, de multiplicação, e não de subtração e de divisão. É com esse espírito de diálogo que aceitei estar aqui nesta noite, e agradeço a oportunidade.”

Mabanckou terminou a conferência falando sobre o Brasil, desejando que o país se torne um laboratório de encontros, rechaçando as injustiças e sendo responsável pelo seu destino. “Porque vocês também têm direito a um Destino, e isso ninguém pode arrancar de vocês. Vou terminar citando as palavras de Fanon em *Pele negra, máscaras brancas*:

Um único direito: o de exigir do outro um comportamento humano.

Um único dever: o de não negar minha liberdade por meio das minhas escolhas.

Minha última oração: Ó meu corpo, faça de mim sempre um homem que questione...”, finalizou.

Apresentação



Patrocínio



Empresas Parceiras



Livraria Oficial

